

COMO DEVERIA TER SIDO O JULGAMENTO DE JESUS

(Luiz Guilherme Marques)

Há pessoas que afirmam que havia uma fatalidade quanto a todas as ocorrências da prisão, julgamento, condenação e morte de Jesus e baseiam-se, para assim entender, nas falas de alguns profetas, mas esquecem-se de que as profecias não são fatalidades, mas sim prognósticos, que podem acontecer ou não.

Por isso, muitas profecias de boa origem não acontecem, porque o livre arbítrio das criaturas interfere de forma decisiva em alguns casos ou ordens superiores do Comando do planeta estabelecem em contrário em outros.

No caso de Jesus, realmente alguns profetas antigos tinham vaticinado o que pudesse vir a acontecer e, realmente, tudo se realizou conforme esse vaticínios, porque houve a covardia de uns e a maldade de outros.

Quem foram os covardes e quem foram os perversos?

Bem, Jesus tinha determinado, na hora da Sua prisão, que nenhum dos Seus adeptos utilizasse a violência e nem O defendesse, pois Ele queria justamente ensinar a lição mais difícil, que a da não resistência ao Mal em casos em que tal representará a única forma de despertar os violentos para a noção de não violência.

Saber quais são esses casos é uma verdadeira ciência, pois muita gente se encolhe diante dos agressores por medo e não por idealismo.

Jesus não permitiu que alguém fizesse a defesa verbal ou física da Sua pessoa e assim procedeu não por medo nem outra razão, mas sim porque tinha em mente deixar que

determinadas pessoas cometessem injustiça contra Ele e, com isso, a consciência delas despertasse cedo ou tarde por terem agredido, se omitido ou traído o próprio Pai Espiritual de todas as criaturas que habitam este planeta.

Imaginem, prezados leitores, a tempestade que deve ter acontecido no íntimo de cada um desses.

Judas Iscariotes, por exemplo, suicidou ao cair em si e ver a extensão da sua defecção.

Assim aconteceu com outros tantos, sendo que esses foram muitos.

Os próprios discípulos mais próximos de Jesus verificaram, cheios de remorsos, que tinham se acovardado, dentre os quais Simão Pedro, que O negou três vezes antes do galo cantar.

Mas há pessoas que tinham sido encaminhadas para o cenário dos acontecimentos, que duraram menos de 24 horas, a fim de interferirem, dentro do possível, para que não se consumasse aquela tremenda injustiça, que mancha o nome dos Tribunais do mundo até hoje, pior do que as condenações de Sócrates e Joana D'Arc.

Todos aqueles que estiveram presentes em qualquer das fases dos acontecimentos, desde a prisão até a morte na cruz, tinham sido convocados espiritualmente para interferir em favor do Justo.

A imensa maioria se acovardou, mantendo-se omissa, enquanto que outros partiram para as agressões verbais ou físicas.

Vejam como muitos homens e mulheres perderam uma preciosa oportunidade de evolução e acabaram tendo de tentar

recuperar o tempo perdido de outras formas que se prolongaram pelo futuro de maneira muito mais dolorosa do que se tivessem sido corajosos e enfrentassem as iras e as perseguições principalmente dos sacerdotes, a quem interessava a morte do Justo.

Muitos desses ainda transitam nas Trevas, insubmissos e atribuindo suas desgraças Àquele a quem agrediram ou deixaram de defender. Assim é mais fácil do que reconhecerem suas próprias culpas. Mas chega sempre a hora de despertar.

Primeiramente, Pôncio Pilatos, governador daquela província romana, que detinha plenos poderes em nome do Imperador Tibério César, não deveria ter cedido seus militares para a prisão de Jesus, que somente interessava ao Sinédrio e nada tinha feito que contrariasse as leis romanas.

Os sacerdotes que se virassem para prender, julgar, condenar e executar o Justo, mas nunca os romanos deveriam participar dessa farsa, que foi inventar uma culpa para Aquele Homem que apenas acusava o Sinédrio de corrupção e ensinava uma Doutrina de Amor e nunca de rebeldia.

Como dito, o primeiro erro de Pilatos foi envolver Roma na prisão daquele Justo.

E, depois de condenado pelo Sinédrio, num julgamento que contrariava todas as normas de juízo do próprio Tribunal eclesiástico, Jesus foi levado a Pilatos para julgá-l'O novamente.

Por que esse novo julgamento? Simplesmente porque os sacerdotes queriam que Roma assumisse a responsabilidade da punição do Réu inocente.

E Pilatos novamente falhou, pois, em vez de pronunciar seu veredito, como juiz que era, pela absolvição do Justo, expô-lo ao populacho para simular um espírito democrático que ele não tinha.

Na verdade, o julgamento deveria ser monocrático, ou seja, ele deveria mandar redigir sua sentença sem consultar o povo, os sacerdotes ou quem quer que seja.

Juiz que tem vergonha na cara deve assinar suas sentenças e assumir as consequências tranquilas ou inquietadoras como homem corajoso e firme que deve ser.

Se o povo se rebelasse ou mesmo os sacerdotes, deveria impor a ordem pela força das armas do seu exército e que fossem executados sumariamente todos os que tentassem invadir o palácio governamental tentando desrespeitar a autoridade da Justiça.

Até os sacerdotes rebelados deveriam ser executados, se assim fosse necessário, pois Justiça é Justiça e deve se impor para que a ordem prevaleça.

Mas Pilatos quis fugir à própria responsabilidade de julgador e preferiu convocar alguns personagens romanos importantes a fim de dividir a responsabilidade pelo julgamento.

Nessa oportunidade, os romanos ali presentes, em confabulação que pareceu mais uma “palhaçada”, Políbius sugeriu que Jesus sofresse a pena do açoite, aparentemente tentando acalmar a sanha assassina da população.

Dessa maneira, Jesus recebeu 30 golpes de açoite e foi novamente exposto ao público, mas o povo queria ver sangue e pediu Sua morte.

Pilatos novamente falhou como juiz e disse que lavava as mãos diante da população quanto ao derramamento de sangue inocente.

Que juiz era esse: que deixou outros decidirem no seu lugar?

Assim, o restante da história todos conhecem, pois foram os militares romanos que executaram a pena de morte por crucificação.

Depois levaram o cadáver para a gruta da família de José de Arimateia e acabou acontecendo o desaparecimento do corpo, o que gerou mais confusão ainda.

A partir daí Pilatos não quis mais se envolver com as pretensões dos sacerdotes.

Vejam, prezados amigos, como tudo deveria ter acontecido: Pilatos não deveria ter-se envolvido em momento algum com a pretensão judaica de condenar um cidadão judeu acusado de desrespeito ao Judaísmo e, no caso de o julgamento ter sido transferido a ele, como o foi, pelos sacerdotes, deveria ter absolvido o Réu e mandado soltá-l'O e quem desrespeitasse sua decisão de juiz romano, mesmo que o Sumo Sacerdote, deveria ser executado sumariamente e o povo, que tentava invadir o palácio governamental romano, deveria ser dispersado a golpes de espadas e lanças.

Você, prezado leitor, concorda em que tudo poderia ter sido diferente ou acha que Jesus, o Justo, deveria ter passado por tudo que passou?

Como juiz, no lugar de Pilatos, eu teria feito como falei.

A época era de muita violência e o único meio de fazer respeitar a Justiça era utilizar a força militar contra o povo e o Sinédrio.

Acho que o pior que ocorreu foi a condenação e morte de um Justo, que ousou enfrentar o Mal, representado pelo Sinédrio e pelos que ganhavam imoralmente a vida à custa do nome de Deus.